

# TECNOLOGIA, COMUNISMO E A AMEAÇA MARROM

MENCIUS MOLDBUG · DIA 13 DE SETEMBRO, 2013

Sinto-me dividido ao ver a Ameaça Marrom ganhando força e [passando o rolo compressor](#) na minha própria área tão querida, o universo dos hackers. “[Avistamos](#) afinal o inimigo, imenso e abominável, despido de todos seus disfarces...”

Ameaça Marrom? Ou será que ousou dizer... #AmeaçaMarrom? Mas que [outro nome](#) daríamos à gigantesca caça-às-bruxas na América, infundável e profundamente insana, por fascistas debaixo da cama?

Afinal, não há nada de novo nessa história. Até mesmo no auge da pífia “[Ameaça Vermelha](#)” fadada ao fracasso, a Ameaça Marrom era dez vezes maior. Você pode muito bem considerar que para um roteirista comunista em 1954, era difícil pagar as contas. Mas era muito mais fácil do que ser um roteirista fascista. Ou até mesmo um roteirista anticomunista. (Dá no mesmo, não é?) E com os últimos resquícios patéticos de oposição legítima murchando e morrendo, a Ameaça só cresce ainda mais. Essa é a jogada dos vencedores. É assim que funciona a revolução permanente.

Não por falta de esforços filosóficos corajosos, como por exemplo “[Fala e Consequências](#)”, de [Popehat](#), buscando distinguir entre caças-às-bruxas e caças-às-bruxas. Pelo visto, nosso Popehat (1), embora afirme ser um especialista jurídico de alguma espécie, e alguém que claramente tem opiniões fortes e (mais raramente) sinceras sobre a liberdade de expressão, nunca ouviu falar da [Red Channels](#), e tampouco do caso [Faulk v. AWARE](#). Não fica claro se ele (a) acha que a lista negra de Hollywood foi uma boa ideia, (b) acredita que essa lista foi seguida e perseguida pelo FBI, ou (c) considera louvável a proposta de fazer a faxina nos fascistas, mas horrível a de fazer a faxina nos comunistas.

(Atualização: Com fidelidade histórica belíssima e surreal, Anil Dash [encarna](#) o espírito da *Red Channels*:

*Além disso, ele foi persistente na tentativa de me vender a ideia*

*de seu filme, que será louvado calorosamente pela interseção de ateus, pacifistas, comunistas e judeus. Fiquei pasmo com sua ousadia. Ele disse explicitamente que está buscando financiamento para seu filme, e que tem suas dúvidas se esse objetivo seria plausível depois de tudo que aconteceu, e eu respondi que, sendo realista, o filme só teria chance se tivesse o apoio de alguém como eu, e eu não estava disposto a recomendar sua ideia a um produtor.*

*Pensando bem, serei categórico: Se você é um produtor e decide investir no filme sobre Dalton Trumbo sem uma manifestação prévia, profunda e séria de responsabilidade da parte de Dalton, com anos de embasamento, você será cúmplice na perpetuação do histórico pavoroso de comunismo na indústria do cinema, e isso é inaceitável.*

Aliás, acho maravilhoso ver a imensa carga cognitiva que aflige a mente esquerdista quando é forçada a decidir se são os valentões favoritos ou os azarões. Todos os processadores sobrecarregam, o ventilador interno fica frenético e a torre fica quente o bastante para fritar um ovo. O post inteiro vale a leitura - nas próprias palavras humildes do autor, é a pura essência do espírito “positivo, ambicioso, respeitoso, inclusivo, curioso, compreensivo e autoconsciente.”)

Aviso ao Popehat: grande parte do que hoje chamamos de “macartismo” era questão de “consequências sociais”. Além disso, essas consequências sociais funcionam por um único motivo: há um punho de ferro dentro dessa luva de veludo. Ser processado por desrespeitar uma classe privilegiada - perdão, uma classe *protegida* - não é uma consequência social em sentido algum, mas sim uma consequência *política*. Escuta, já que estamos batendo papo aqui, pode me lembrar de como a jurisprudência da Corte de Warren extrapolou essa “classe protegida” a partir da “igual proteção das leis”? Entendo a teoria, para ser sincero - mas seria divertido ver você explicando.

Mas é lógico que nada disso é novidade. Há tempos na América que é ilegal empregar racistas, machistas e fascistas, e obrigatório empregar um percentual minuciosamente calibrado de mulheres, trabalhadores e camponeses. Afinal, a América é um país livre, e esse é o significado da liberdade,

Mas a “tecnologia”, definida em termos amplos como qualquer coisa nova e legal que aconteça na Califórnia, tem sido isenta, na prática, da obrigação de se ater a tais restrições. A elite, ainda mais uma elite produtiva, sempre goza de um grau especial de tolerância. Certa vez, perguntei a um funcionário da Google: puramente com base na experiência não-científica dele, diria que a Google emprega mais gente de qual população? Afro-americanos ou sérvios? A resposta dele: “Você tá de sacanagem com a minha cara.”

A Google, lógico, alega que o fato de que ela prefere contratar talento do leste da Bósnia do que do leste de Palo Alto é um [segredo comercial de valor competitivo](#). Tá, por assim dizer. Engraçado que a Apple, Yahoo e Oracle todas têm [o mesmo segredo](#). Rá, rá! Era um segredo que você não sabia? Para mim não era [segredo](#) algum!

Sabe, Goog, quando você desanda a mentir, não para nunca. Para começar, mesmo que seus inimigos ignorem as mentiras, o papo evasivo e defensivo e outros indícios clássicos de comportamento “beta”, eles ainda dominam você. Só decidiram não te devotar ainda, talvez na esperança de que você ainda vá engordar mais.

Portanto, de certa forma eu até gosto de ver a #AmeaçaMarrom ganhando força no Vale do Silício, porque vejo muito potencial para sua oposição por aqui. Muito potencial desperdiçado. E que deve continuar sendo desperdiçado, mas vai que, não é? Caros companheiros geeks, vocês não precisam ser varridos embora na faxina. Seu predador, por mais forte de seja, não é um bicho complicado, e hackeá-lo não é grande dificuldade, desde que se tenha cuidado. De fato, com um certo grau de organização, você pode até ganhar dele.

Na verdade, explicar a Ameaça Marrom não é nada difícil. Como qualquer caça-às-bruxas, ela é baseada em uma *teoria de conspiração*. A Ameaça Vermelha também foi baseada em uma teoria de conspiração, mas era uma conspiração de verdade, ao menos, com bruxas de verdade - duas das quais eram os pais do meu pai. (As pessoas mais bondosas do mundo, como pessoas. Prefiro imaginar que eles veneravam não Stalin, mas sim a visão que eles tinham de Stalin.) Além disso, a Ameaça Vermelha foi um fenômeno amplamente demótico, de camponeses, a qual as classes intelectuais governantes da América eram, por motivos óbvios, imunes. Já que o poder funciona e a cultura vem depois da política no fluxo do rio -

da política real, ao menos - a Ameaça Vermelha logo foi reduzida a uma piada.

Por sua natureza como uma [teoria de conspiração mainstream](#), montada firmemente na sela institucional, a Ameaça Marrom é muito maior e mais aterrorizante. Infelizmente, não temos um registro central dos dados, mas eu não ficaria nada surpreso se fosse revelado que a cada dia na América, mais racistas, fascistas e sexistas são detectados, expulso e destruídos do que todos os roteiristas forçados a prosperar através de pseudônimos na década de 50. Realmente, não é exagero dizer que centenas de milhares de americanos, talvez até um milhão deles, são empregados em um ramo ou outro desse aparato ideológico. Para botar ordem nessa casa, seria preciso uma verdadeira revolução cultural - ou uma reação cultural, por assim dizer. Ei, americanos - juntem-se a mim quando estiverem prontos.

A lógica do caçador de bruxas é simples. Não mudou praticamente nada desde os tempos de [Matthew Hopkins](#). A primeira ordem é *inverter a realidade do poder*. Poder, em seu nível mais básico, é o poder de ferir ou destruir outros seres humanos. A realidade óbvia é que caçadores de bruxas formam bandos e destroem bruxas. Por sua vez, bruxas nunca, jamais são vistas formando bandos para destruir caçadores de bruxas. Esse teste já basta para demonstrar que a conspiração é ilusória (Ameaça Marrom), e não real (Ameaça Vermelha).

Pense bem. Naturalmente, se as bruxas tivessem qualquer poder, elas não perderiam seu tempo perambulando à toa em vassouras, pagando boquetes para Satã e rogando pragas nas vacas para azedar o leite delas. Deus do céu, elas estão sendo queimadas a torto e a direito! Prioridades! Não, elas virariam o jogo e descarregariam um vodu brabíssimo nos caçadores. Em um país onde qualquer um que ouse se opor às bruxas logo é encontrado pendurado de ponta-cabeça dos galhos de um carvalho à meia-noite com sua cabeça *encolhida ao tamanho de uma bola de beisebol*, não veremos muita caça às bruxas, e sabemos que as bruxas viraram uma praga séria. Em um país onde a caça às bruxas é uma carreira estável e lucrativa, e até um passatempo, praticado por milhões de entusiastas nos fins de semana, sabemos que não há mais nenhuma bruxa que preste.

Não vemos [Pax Dickinson](#) e [Paul Graham](#) juntando suas forças para destruir a [Gawker](#). (2) Vemos eles entregues, em posição fetal, tentando simplesmente sobreviver. Uma América onde hackers teriam a capacidade de varrer jornalistas do mapa por desvios comunistas, ao invés de uma onde jornalistas varrem hackers do mapa por desvios fascistas, seria uma América muito diferente. Não me diga!

Enquanto isso, na verdadeira América, a América onde uma jornalista [que é praticamente uma estagiária](#), sem quaisquer feitos dignos de nota, mas com uma língua ferina, um diploma de Columbia e [certa dificuldade em usar MySQL](#), é plenamente capaz de intimidar um dos hackers mais bem-sucedidos de sua era, que é também, por acaso, [muito melhor como escritor](#) - essa é a América extraordinária em que vivemos e que precisamos explicar.

Este fenômeno de crianças malcriadas sistematicamente humilhando pessoas mais velhas e melhores que elas nos lembra, é claro, de [Mao](#). Mas mais que isso, remete a Platão. Ainda se lê Platão na Columbia? Rá, essa é boa. Platão! A Gawker talvez não conheça Platão, mas [Platão conhece a Gawker](#):

Sim, disse ele; assim ele se comporta.

Sim, eu disse, ele vive um dia de cada vez, cedendo ao apetite de cada momento; e ora está absorto na bebida e melodias de flauta; em seguida bebe somente água para jejuar; depois ele experimenta a ginástica; às vezes entrega-se ao ócio e negligencia tudo, mas então volta a viver a vida de filósofo; está frequentemente ocupado com questões de política, quando então levanta com um salto e diz ou faz o que passa por sua cabeça; e quando pode ser dito que emula um guerreiro que seja, logo dispara ele em tal direção, ou quando é um homem de negócios, o mesmo se sucede. Sua vida não conhece lei, e tampouco ordem; e tal existência dispersa ele define como alegria, êxtase e liberdade; e assim ele segue.

Sim, ele respondeu, ele é pura liberdade e igualdade.

Sim, eu disse; sua é uma vida de inconstância e variedade, e o próprio epítome da vida de muitos; ele responde ao Estado que descrevemos como cativante e reluzente. E muitos são os homens e mulheres que espelham-se nele, e muitas constituições e muitos

exemplos de modos encontramos nele.

Justamente.

Coloquemos ele, portanto, face a face com a democracia; ele pode ser verdadeiramente designado como o homem democrático.

Que esse seja seu lugar, ele disse.

Chegamos então, finalmente, à mais bela forma de todas, tanto no caso do homem quanto do Estado: tirania e tirano; cabe a nós considerá-los agora.

Tens toda razão, ele disse.

Diga-me então, caro amigo, como a tirania toma forma. Que suas origens são democráticas é fato evidente.

Claramente.

E não é verdade que a tirania nasce da democracia bem como a democracia nasce da oligarquia - de modo geral, digo?

Como assim?

O bem a que se propõe e através de qual a oligarquia sustentava-se era a riqueza, não é mesmo?

Sim.

E o desejo insaciável pela riqueza, suscitando desinteresse por todo o resto em nome do enriquecimento não foi também a ruína da oligarquia?

É verdade.

Por sua vez, a democracia tem seu próprio bem supremo, e o desejo insaciável por tal acarreta sua dissolução, não é?

Que bem é esse?

A liberdade, respondi; coisa que, como nos é narrado em uma democracia, é a glória do Estado - e que portanto, o homem nascido livre se dignará a viver somente no Estado democrático.

De fato; é o que todos vivem dizendo.

Como estava prestes a constatar, o desejo insaciável por esse bem e o desinteresse por todo o resto desperta a mudança na democracia,

ocasionando uma demanda por tirania.

Em que sentido?

Quando um Estado democrático com sede de liberdade tem copeiros malignos controlando seu banquete e levando-o a embriagar-se demais com o vinho potente que é a liberdade, então, a não ser que seus governantes mostrem-se profusamente cordiais, oferecendo uma dose abundante, ela exigirá satisfação e punirá os mesmos, declarando-os oligarcas execráveis.

De fato, ele respondeu, é um acontecimento deveras comum. Sim, eu disse; e cidadãos fieis são ridicularizados, chamados de escravos que abraçam suas correntes e homens imprestáveis; ela anseia por súditos que são como governantes, e governantes que agem como súditos: estes são os sujeitos que encarnam seu espírito, que ela louva e honra tanto em particular quanto em público. Em um Estado como esse, haveria então qualquer limite para a liberdade?

Decerto que não.

Passo a passo, anarquia infiltra-se em domicílios, mistura-se com os animais e acaba os infectando.

O que quer dizer com isso?

Que o pai cria o hábito de rebaixar-se ao nível de seus filhos e de temê-los, de forma que o filho passa a considerar-se igual a seu pai, sem qualquer respeito ou consideração por seus pais; esta é sua liberdade, e assim o meteco assume pé de igualdade com o cidadão, e o cidadão com o meteco, e o estranho vale tanto quanto ambos.

De fato, ele disse, é o que se vê.

E estes não são os únicos males, afirmei - há vários outros menores: Em uma sociedade em tal estado, o mestre teme e bajula seus pupilos, enquanto pupilos desdenham de seus mestres e instrutores; jovens e idosos são equivalentes; o jovem está em pé de igualdade com o idoso, e plenamente disposto a desafiá-lo em palavras ou ações; e os idosos rebaixam-se ao nível dos jovens, expressando cordialidade e jovialidade abundantes; recusam-se a serem vistos como rabugentos e autoritários, e portanto, adotam a postura dos

jovens.

Por que não, como Ésquilo diz, expressamos a palavra que vem à nossa boca?

É o que estou fazendo, retruquei; e acrescento que qualquer um que não tenha presenciado tal realidade custaria a acreditar no grau de liberdade atribuído aos animais domesticados pelo homem em uma democracia, comparados àqueles em qualquer outra forma de Estado: pois deveras, as cadelas, como diz o provérbio, são tratadas tão bem quanto suas donas, enquanto cavalos e asnos marcham pelas ruas como se fossem dotados de todos os direitos e dignidade de homens livres; e estão prontos para atropelar qualquer um em seu caminho, caso não saiam da rua: tudo simplesmente transborda de liberdade.

Quando saio para passear pelos campos, ele disse, frequentemente me deparo com o fenômeno que descreve. Você e eu tivemos o mesmo sonho.

E acima de tudo, eu disse, e como consequência de tudo, repare no grau de sensibilidade dos cidadãos; irritam-se com impaciência ao menor toque de autoridade, e com o tempo, como bem sabes, deixam de importar-se até mesmo com as leis, escritas ou implícitas; não aceitam serem regidos por qualquer um que seja.

É verdade, ele disse, sei muito bem.

Essa, meu amigo, é a fonte bela e gloriosa de onde brota a tirania.

Gloriosa, certamente, ele disse. Mas o que acontece a seguir? A ruína da oligarquia é a ruína da democracia; a mesma doença, amplificada e intensificada pela liberdade, subjuga a democracia - a realidade é que o aumento excessivo de qualquer coisa frequentemente leva a uma reação na direção oposta; e isso vale não só para as estações, ou para a vida vegetal e animal, mas acima de tudo, para os modelos de governo.

É a esperança que nos resta, ao menos. Porém, um mau pressentimento me diz que isso pode ser otimismo demais da parte de Platão.



De qualquer forma, vemos no diálogo de Platão como o caçador de bruxas consegue inverter a realidade do poder e se apresentar como o *azarão*, lutando contra a conspiração gigantesca e onipresente das bruxas. Essa fantasia é construída de forma magistral, e parece plenamente real quando vista de relance.

A técnica principal implementada é a de determinar como a ordem natural da sociedade humana, que foi completamente esmigalhada pela revolução - uma ordem onde os jovens respeitam os velhos, os inexperientes seguem os especialistas, e cães obedecem a seus donos - como a ordem *existente*. O caçador de bruxas profissional, que é, na verdade, um reles burocrata, um instrumento do poder, um mercenário brigão, considera-se um tipo de rebelde destemido que se opõe à grande conspiração. Além disso, já que essa ordem natural existiu em outra época, e está sempre lutando para se impor novamente contra [o forçado de Horácio](#), ela pode ser pintada como a ordem dominante com um grande volume de detalhes e nuances fictícias - mesmo após mais de meio século de revolução incessante.

Ademais, quando temos a capacidade de pintar uma força natural como uma força *humana*, é possível atribuir um poder quase infinito à conspiração das bruxas. Judeus, por exemplo, causam secas. Vemos facilmente o imenso poder dos judeus - não chove há um mês! Joguem os judeus no poço!

Neste caso específico, é uma constatação só ligeiramente mais óbvia do que “o céu é azul” - especialmente para aqueles de nós que são adultos, nascidos antes dos anos 90, com esposas, filhas e tal, sacou? - afirmar que (e) ser geek é uma qualidade inata, não adquirida, e (b) um cromossomo Y é um fator de risco imenso para a manifestação do elemento geek. Em outras palavras, não somos [igualistas](#). Acharíamos maravilhoso se todos fossem iguais (nivelando por alto, de preferência, não por baixo). Mas não somos *insanos* e não contrariamos a realidade.

Por exemplo, sou geek e adoraria que minha filha fosse geek também. Só que não é. Ela é não só mais menininha que eu, como mais menininha que a mãe dela (formada em Engenharia Elétrica). Ela está lendo [Lemony Snicket](#) no jardim de infância, mas não é geek. Um amigo meu tem uma filha, com quase a mesma idade, e com um nível de inteligência parecido, e ela é geek. Bem queria que a minha filha tivesse interesse

por números, planetas e dinossauros. Enquanto isso, sem que eu saiba, meu amigo pode bem querer que sua filha seja uma enciclopédia viva das princesas da Disney, cujas bonecas conseguem improvisar um capítulo de novela com uma hora de duração. Podemos torcer o quanto quisermos, mas *a realidade não é essa*. Se eu tentar impor minha filha ideal à pessoa real que a realidade definiu como minha filha, eu seria uma péssima pessoa e um péssimo pai. É por isso que sou um realista, não um igualista.

Quando o localizador de bruxas é capaz de atribuir as consequências da meteorologia, biologia ou qualquer outro departamento da realidade a uma conspiração humana, a autoridade proto-divina assumida pela cabala de bruxas toma proporções ilimitadas. Rebelar-se contra ela parece ser quase tão corajoso e fútil quanto rebelar-se [contra Deus em pessoa](#). Que romântico! Que empoderador! Vamos esmagar a grande conspiração das diferenças, sem a qual seríamos todos gloriosamente iguais! Joguem os judeus no poço!

Grande jogada. Porém, como todos os métodos propagandistas, o feitiço passa. A maioria de nós, especialmente aqueles que vivem em uma velha pós-democracia desgastada como a nossa, estão extremamente cansados da política, da filosofia política, de teorias de conspiração e coisas assim. Não chegam a discordar da agenda partidária, exatamente, mas aquilo não os empolga mais. Ainda empolga a minoria no poder, é lógico, e com grande fervor (As seções de comentários na Gawker, como as de toda seção parecida em outras páginas de agenda partidária, vivem repletas de *brigões* amadores que parecem sentir um prazer imenso, ou até lucrar, com a prática de linchamentos digitais coletivos.)

O brigão precisa somente instigar uma *leve* expressão de apoio da parte da vasta maioria de pessoas comuns e decentes, que não ligam para a política ou para o poder e não estão envolvidas nesse jogo em sentido algum. Esse abuso da decência básica é o que considero mais ultrajante no processo da caça às bruxas. Uma pessoa comum não acredita sinceramente em bruxas - mas tampouco rejeita a existência delas. Retórica falando de gatos negros, terceiros mamilos e reuniões secretas com Satã não é levada muito a sério por ela.

Mas o que ela sabe, de fato, é que a Hannah Bondosa é uma velha estranha e malvada, sem marido, com uma língua mordaz, e que tem um cheiro estranho e dorme até bem tarde, e que gritou com ela quando ela

era menininha. Sem orientação externa, o raciocínio de nossa cidadã decente jamais levaria ela deste ponto à ideia de que a Hannah Bondosa precisa ser afogada. Por outro lado, quando a multidão (composta essencialmente de cidadãos decentes) está prestes a afogar a Hannah Bondosa, ela tampouco ousa se pronunciar, já que arriscaria a própria pele. Por uma velha estranha e malvada, sem marido e com uma língua mordaz? O fato de que ninguém se pronuncia é, naturalmente, toda a prova de que os localizadores de bruxas precisam.

Claramente, todos devem ser gentis, e ninguém deveria ter uma língua mordaz. A palavra “ofensivo” é muito usada. O que é uma pessoa ofensiva? Resumindo em uma palavra, um escroto. Peço que todos que ouçam essa palavra (até o Popehat - aliás, ele em especial) parem e reflitam: ser escroto é ilegal? Se for, por que ser escroto deveria ser ilegal? Se não for, por que ser escroto não deveria ser ilegal?

Curiosamente, dois mil anos antes de qualquer pessoa sequer ouvir falar de [microagressões](#)”, um bando de velhos branquelos chamados “os romanos” consideraram a questão e chegaram à seguinte conclusão: [de minimis non curat lex](#). Literalmente: “a lei não se atenta a bobagens”. Ou, metaforicamente: não. Não, ser um escroto não é ilegal, e nem deveria ser. Pense em como seria a lógica de um mundo onde ser escroto é ilegal. Ou de um mundo onde um indivíduo é responsável por não ser escroto, ao menos. Qualquer um poderia processar outro a qualquer momento por ser um escroto. Nesse mundo, “[seu babaca](#)” não é um insulto. É um *delito*. É uma *afirmação de fato*, e caso sua veracidade seja *comprovada* em um *tribunal judicial*, *acarretará indenização*.

Naturalmente, sabemos que os romanos eram um bando de babacas heteronormativos ignorantes. Os gregos também! [Platão, Sócrates, Aristóteles? Antas!](#) Ah, como evoluímos desde então! Mas sério, o [Spicoli](#) não deveria poder processar o sr. Hand? Afinal, ele era um tremendo babaca, não é mesmo? Por que devemos deixar que as pessoas sejam babacas? Por que isso deveria ser aceitável na nossa sociedade tolerante? Ser babaca?

Um ordenamento jurídico onde a insolência é um delito é uma ideia que, pelo que sei, jamais foi tentada. De modo geral, sábios e juristas de todas as épocas e cantos do mundo têm concordado que, embora não seja legal quando as pessoas não são legais com as outras, o objetivo

desejável de impor a bondade e gentileza universal está simplesmente fora do alcance da jurisprudência humana.

Pois antes de mais nada, o processo nos tribunais depende dos depoimentos de testemunhas, e mesmo com testemunhas oculares, muitas vezes custamos a esclarecer quem bateu em quem. Imagine então um processo envolvendo duas pessoas onde uma acusa a outra de ser babaca e não havia mais ninguém presente na sala. É uma palhaçada. Não, claramente - o problema de como dar aos babacas o que merecem, o que é não tempo de prisão nem o pagamento de indenizações monetárias, mas a mera exclusão social, é assunto a ser resolvido pelas “consequências sociais” de Popehat.

Essa era a opinião de um monte de velhos babacas branquelos, ao menos. Afinal, caralho, não é mesmo? É lógico que velhos babacas branquelos vão argumentar que ser babaca é tranquilo. Dã.

Mas um ordenamento jurídico onde a grosseria *com certas pessoas* chama a atenção da lei... esse sistema não é nada atípico na história humana. Tampouco é universal. Mas é certamente o modelo padrão. O atípico é o sistema de proteção jurídica uniforme que foi fruto do Iluminismo.

Considere o seguinte exemplo da abordagem típica em nossa história - de um contexto não-eurocêntrico: [Shogun: Punição Instantânea](#).

No Japão antigo, ser escroto não era ilegal. Nem ser escroto com um samurai chegada a ser ilegal. Porém, era ilegal ser escroto com um samurai, sim - para quem não era samurai. Sacou como funciona? Pode-se dizer que os samurais eram um tipo de *classe protegida*. Um sistema que certamente não foi exclusividade do Japão antigo. Em todas as partes, e em todas as épocas, “microagredir” a classe protegida é prejudicial à sua saúde.

Temos até uma palavra, que vem da época daqueles mesmos babacas romanos que nos apresentaram aquela palhaçada de “de minimis”, para um sistema de leis que atribui direitos especiais a certas pessoas. Esse conjunto de direitos varia - mas em quase todos os casos, o direito de não ser ofendido (por aqueles fora do subgrupo) era o primeiro e mais primordial. A palavra, na verdade, é *privilege*. O que significa, no

romano-babaquês, *lei privada*.

Digite a palavra no mecanismo de busca. Por algum motivo, a resposta será:

*Um privilégio é um direito especial a imunidade conferida pelo Estado ou alguma outra autoridade a um grupo seletivo, definido por nascença ou outro critério condicional.*

Creio que nem preciso mencionar a forma como a América de 2013 violentou essa palavra.

Aí, América - só para esclarecer - a língua que eu falo, o inglês, é mais velha que você. (Sem nem contar os elementos romanos.) Inclusive, espero que ela dure mais que você. Ou talvez não. Mas quando você a *estupra*, você *estupra meu cérebro*. E sabe - ao contrário de certas pessoas, imagino - isso não me dá tesão nenhum. Só para esclarecer, América.

Quanto à realidade concreta de um ordenamento jurídico de dois níveis hierárquicos, não me incomoda muito. Sinceramente, é uma normalidade histórica. Considere, por exemplo, este tweet que já virou clássico:



Quem seria ilegal de se ofender aqui? Bem, por exemplo, Pax (e os 50 indivíduos que deram retweet - que deveriam ser todos investigador também, lógico! Temos algum Matthew Hopkins juvenil na área? Céus, a Gawker tem estagiários, não tem?) estava satirizando [Mel Gibson](#).

Caso Mel Gibson fosse o Rei da América (não é o que vejo como o resultado ideal - mas talvez ainda seja preferível à situação atual), isso constituiria discurso de ódio punível como [crime de lesa-majestade](#). (Coisa que ainda existe na Tailândia, caso não saiba.) Ou, se a América fosse um país cristão, isso constituiria discurso de ódio punível como blasfêmia, já que Jesus é o Filho de Deus e não seria pego por trás assim em uma emboscada. Ou...

Mas naturalmente, nossa cidadã decente, acionando novamente a alavanca do mecanismo de afogamento enquanto Hannah Bondosa tenta respirar, cacarejando e gritando exatamente como uma bruxa, tem tanta noção desta dinâmica de poder quanto um gato tem noção de tênis. Ela sabe somente que alguém disse algo *ofensivo*. O que é bem verdade. Já que ela não faz questão de entender os modelos políticos que determinam quem tem ou não o direito de se sentir ofendido, sua vontade decente e bem-intencionada de fazer com que todos sejam gentis com os outros é confiscada pelos fortes e usada como arma contra os fracos.

O mundo em que vivemos é um lugar terrivelmente grotesco e cruel, não é mesmo? Ora, afinal, somos todos essencialmente chimpanzés. Você pode até não se interessar pelo Poder - mas o Poder [se interessa por você](#).

Mas ainda falta alguma coisa aqui...

Pois em todas essas hipóteses absurdas, Pax está insultando a *classe governante* - o rei, o clero, etc. Insultar o Poder é sempre um crime, e podemos dar como garantido que o Poder foi insultado nesse caso. Porém - sabemos quem, especificamente, foi criminosamente desrespeitado. Não foi Jesus, e pode apostar que não foi Mel Gibson. Foram os afro-americanos e as prostitutas. Pior, mulheres que se vestem feito prostitutas - lamentavelmente, um grupo muito maior. Que seja - os afro-americanos e as mulheres.

Mas sinceramente, não é possível de se argumentar que afro-americanos e/ou mulheres representam a classe governante da América. Isso simplesmente não faz sentido.

Com isso chegamos, mesmo com toda nossa sabedoria histórica, a um

beco sem saída, por assim dizer. O que vemos aqui nunca foi visto antes. O privilégio de não ser ofendido, o privilégio mais básico e típico da nobreza, após séculos de dessuetude, foi reinventado e reatribuído. Mas os beneficiados não tem absolutamente nada em comum com qualquer classe nobre tradicional. Além de não serem uma classe governante, eles nem sequer parecem... muito... [nobres](#).

Tudo bem. Precisamos descer mais fundo pela toca do coelho. Sabe aquela pastilhinha de LSD? Aquela que você tem guardada? Para uma emergência especial. Aí. Chegou o momento. Volte daqui a uma hora, quando sua língua estiver inchada. (Não que o viciado calejado do [UR](#) vá encontrar qualquer novidade no que digo aqui.)

Não tenho nenhum apreço pelas [irmãs Wachowski](#), e as continuações são prova cabal de que genialidade acidental existe, mas mesmo assim, genialidade é genialidade, e [Matrix](#) é obra de gênio. Rever [esta cena](#) nunca é demais, ainda mais para quem tomou LSD.

Aqui no limite direito do mundo são, onde ainda não mergulhamos no oceano da loucura, mas estamos perto o bastante para ouvir a arrebentação de suas ondas frias e sombrias, muito se fala sobre essa [Pílula Vermelha](#) padrão. Nós vivemos na Matrix, é lógico; ou melhor, na [Catedral](#) - acho ótimo que o termo está sendo adotado, mas “Matrix” seria igualmente apropriado. (3)

Mas será que existe mesmo uma Pílula Vermelha? Uma capaz de curar essa insanidade toda e explicar tudo, de uma vez por todas? LSD é ótimo, claro, mas lamento dizer que seu efeito *passa*.

Gosto de imaginar que a Pílula Vermelha é o próprio [Ressalvas Absolutas](#). (Muitos blogs atingem a marca de 500.000 visualizações. Poucos blogs atingem 500.000 visualizações mesmo sem atualizações.) Mas convenhamos que é uma pílula pesadíssima. Keanu demoraria o dia todo para engoli-la, e precisaria de mais de um copo de água para isso.

Não. Creio que defini meu candidato para a Pílula, propriamente dita. E não arredo o pé. Minha Pílula é:

*A América é um país comunista.*



O legal dessa afirmação é que ela é [ambígua](#). Mais especificamente, é uma [ambiguidade empsoniana](#) de tipo dois, ou talvez três (nunca entendi muito bem a diferença). Inserida como está na tapeçaria louca da história do século XX, AAEUPC pode ser interpretada em incontáveis formas.

Todas essas interpretações - a não ser que sejam intencionalmente elaboradas na forma de espantalhos obviamente imbecis - são completamente verdadeiras. Às vezes sua verdade é óbvia, e às vezes é surpreendente. São sempre verdadeiras. Porque a América é um país comunista. Como bem veremos...

Naturalmente, para você, um americano comum, ou um intelectual americano comum, ao menos, essa Pílula Vermelha parece comicamente e obviamente ridícula e errada. Você mal sabe como começar a assimilar ela como uma hipótese séria. É simplesmente estúpida demais. Não é? Não é? [Bueller](#)?

Sei responder a essa gargalhada de dois jeitos: o jeito rápido e o jeito lento. O jeito rápido: [Concordar e amplificar](#). “Foi isso mesmo que você ouviu. A América é um país comunista. Para seus trabalhadores e camponeses. Em outras palavras: negros e hispânicos.” (4)

Pode virar raiva, medo, negação, seja o que for - mas aquela gargalhada será sugada de volta para dentro dos pulmões da pessoa. É o que acontece quando se leva um soco.

Pode dar sequência ao soco (soque somente caso seja necessário, é claro) explicando a seu ex-assaltante *o que levou ele* a rir. O que é mais ou menos o equivalente retórico de chutar um cachorro morto. Assim como o soco, descarregue com força total somente caso seja inteiramente necessário. Esteja sempre disposto a aceitar uma rendição. No cenário ideal, você estende a mão a seu companheiro e ele levanta e vira a casaca. Mas naturalmente, quando é hora de castigar com o *ground and pound* retórico, é hora de castigar com o *ground and pound* retórico.

A gargalhada foi exprimida porque um dos ingredientes mais simples da Pílula Azul é um trio de anticorpos paralelos que convertem a Pílula Vermelha, através de três processos, em espantalhos inofensivos e idiotas. Naturalmente, já que crescemos na Catedral, todos recebemos uma dose cavalariça da Pílula Azul ao longo de nossas vidas. Só poderemos



seguir adiante com isto quando capturarmos e estudarmos esses anticorpos.

O primeiro anticorpo, e o mais importante, é aquele que converte a Pílula Vermelha ao espantalho perfeito:

*A América é um país Comunista.*

Atenção ao C maiúsculo. Geralmente, o nome próprio com letra maiúscula indica não a *ideia geral* do comunismo, mas sim a *entidade específica* que foi o [PCUS](#) - e seus diversos satélites, tais como o [CPUSA](#). Assim, hoje lemos da seguinte forma:

*A América é secretamente governada, de dentro de uma gaiola de Faraday debaixo da Casa Branca, pelo coronel-general Boris Borisov da KGB, que às vezes dá as caras em público, usando blackface, como “Barack Obama”.*

Por exemplo, a Alemanha nazista foi um país fascista. Mas a Alemanha nazista não foi um país Fascista. A Alemanha nazista foi um país fascista porque o sistema político de Hitler era parecido, de modo geral, com o de Mussolini. Mas a Alemanha nazista não foi um país Fascista - porque Hitler não era um agente secreto trabalhando clandestinamente para Mussolini. Sacou? Fala sério. É claro que sacou.

Com o ‘f’ minúsculo, o símbolo indica um [sistema, ideologia ou movimento político](#), em termos de suas características objetivas. Com o ‘F’ grande, indica um partido, organização ou regime político, em termos de sua identidade nominal. Você talvez tenha dificuldade em generalizar essa diferenciação a uma letra anterior no alfabeto, caso seja estúpido ou nunca tenha assistido a aulas de [semiótica](#). Caso contrário, deve entender muito facilmente que embora todo Comunista seja comunista (seguir do sistema, ideologia ou movimento político), nem todo comunista é Comunista (discípulo de carteirinha de MOSCOU!!!). Lógico, sabe?

Essa narrativa de *subversão internacional* é o tipo mais eficaz de espantalho propagandista - aquele que você consegue convencer seu adversário a adotar. Uma interpretação essencialmente nacionalista e absolutamente equivocada da Ameaça Comunista foi a marca registrada da direita americana por todo o século XX. De fato, essa abordagem [ainda](#)

[vende livros](#) - e que não são ruins, mas nenhum chega a ser perfeito.

Em termos histórico, a narrativa de subversão do anticomunismo clássico é ridícula quando aplicada ao período pós-1989; essencialmente errada quando aplicada ao período pós-1945; e correta, até certo ponto, tratando-se do período de 1933 a 1945, mas mesmo assim enganosa, de modo geral. ([Alger Hiss](#) não é [Aldrich Ames](#); em termos gerais, os americanos envolvidos com o aparato soviético de segurança na era de FDR, inclusive, muito provavelmente, o próprio FDR, consideravam-se, corretamente, os sócios principais no relacionamento, não os minoritários - e consideravam suas atitudes, embora tecnicamente ilegais, autorizadas em caráter extraoficial, e em espírito, a mais nobre forma de patriotismo.)

O problema básico com a narrativa da subversão comunista por meio de revolucionários de fora é que ela é otimista demais. Caso o comunismo fosse uma praga exótica, ela seria fácil de se erradicar. Poderíamos talvez identificar algum tipo de vespa microscópica que controlasse a peste em sua terra natal estranha. De fato, a tendência típica que vemos em se tratando de espécies invasoras é a de que a resistência a ela é mais forte [na terra natal delas](#).

Analisando a vida curta e dramática de [John Reed](#), por exemplo, identificamos várias hipóteses epidemiológicas - pode escolher a sua:

- Não há ligação entre a revolução russa e a mexicana; quaisquer semelhanças não passam de coincidências.
- Existe só uma revolução, russa por natureza. Ela se espalhou, cruzando a América e chegando ao México.
- Existe só uma revolução, mexicana por natureza. Ela se espalhou, cruzando a América e chegando à Rússia.
- Há uma ligação entre a revolução russa e a mexicana, passando por algum outro ponto - o Brasil, talvez?
- O comunismo é tão americano quanto tortas de maçã.

Obviamente, a retórica nacionalista - de uma estirpe antiamericanista especialmente virulenta - foi um ingrediente essencial tanto na revolução russa quanto na mexicana. Caso a origem dessas revoluções seja, de fato, essencialmente estrangeira aos países que elas devastaram, faria total

sentido a dama, sem outra alternativa, queixar-se além da medida.

No entanto, não é estranha em nosso país, o que explica por que a devastação desencadeada pelo comunismo na América foi amena. Nada de gulags aqui! A terra da [mosca-varejeira](#) é também a terra da [vespa devoradora de moscas-varejeiras](#). Lamentavelmente, não temos como deixar a erradicação da mosca-varejeira exclusivamente nas mãos da vespa. Mas ela mantém as moscas-varejeiras relativamente sãs, sensatas e sob controle, o que é uma faca de dois gumes. É bom porque é bom. É ruim porque facilita muito a negação da existência do problema comunista.

Quando a história do século XX for contada sob a ótica correta e reacionária, o comunismo internacional não será tratado como uma queixa sobre qual americanos podem se dar ao luxo de reclamar. Será tratado, na verdade, como um crime pelo qual ainda não demonstramos arrependimento. Considerando que a América é um país comunista, o primeiro país comunista, e o país comunista mais poderoso e importante de todos, os crimes do comunismo são crimes *nossos*. Pode até ser que você não tenha apoiado esses crimes pessoalmente. Mas chegou a se opor a eles em qualquer sentido?

A sensação de culpa nacional coletiva é especialmente forte, já que nossa nação é completamente avessa ao remorso. Ao contrário dos alemães, aqueles bichinhos castrados de estimação, nós ainda acreditamos em nossa ideologia nacional de assassinato em massa. Nós não estamos matando ninguém neste momento - não em grande escala, ao menos. Mas matamos no passado, e ainda defendemos as mesmas crenças que nos tornaram cúmplices, tanto por instigação quanto por encobrimento, de atrocidades soviéticas em escala épica.

Se tem uma coisa que aprendemos com o século XX, foi que a culpa por assassinatos políticos não é só daquele que aperta o gatilho. O [Schreibtischtäter](#) também fez por merecer seu lugar na forca - com a multidão enfurecida logo atrás dele. E [Missão em Moscou](#) não foi um fracasso de bilheteria. Seus avós certamente viram (os meus viram, ao menos), riram e aplaudiram. No outro lado do oceano atlântico, eles riam e aplaudiam [Jud Süß](#). O ser humano é [Calibã](#), seja qual for o lugar.

Considere o caso de um dos escritores americanos mais aclamados do século XX. Me refiro a Ezra Pound, lógico. Nada disso - me refiro a Ernest Hemingway. [De acordo com o relato de George Plimpton](#), Hemingway gostava de tomar uns daiquiris e sair para ver o Che fuzilando prisioneiros políticos com uma metralhadora. Hem e Che ainda são ídolos venerados por gente *cool* em todos os cantos do mundo. Que culpa nacional, não é mesmo? Tá tudo de boa, não é?

Ora, se os nazistas tivessem vencido, todos nós usaríamos camisetas com a imagem de [Reinhard Heydrich](#). O poder, o poder vitorioso, é sempre venerado em todas as partes. E seus crimes? Bem, o vencedor sempre tem uma boa desculpa pronta. Alguém jamais foi processado pelos crimes de guerra dos Aliados? Que crimes de guerra? Bueller?

Já foi curado desse anticorpo? Tenho outro para você:

*A América é um país comunista.*

é traduzido corriqueiramente, ainda mais para quem é comunista (e somos todos comunistas), como (no jargão comunista):

*A América atingiu o comunismo.*

Atingiu! Quem aqui falou em atingir? A União Soviética foi um país comunista. Correto? Ela chegou a atingir o comunismo? Sequer alegou ter atingido o comunismo? É claro que não.

Naturalmente, o comunista acredita que quando atingirmos o comunismo, atingiremos também, conseqüentemente, a igualdade social, política e econômica. Na União Soviética víamos desigualdades sociais, políticas e econômicas enormes. Na América, vemos desigualdades sociais, políticas e econômicas enormes.

Sobre essas desigualdades, um comunista diria, junto com [Sansão](#) - precisamos nos empenhar mais! Um anticomunista diria: é lógico que não há como atingir esses objetivos. O comunismo gera destruição maciça sem avançar um centímetro rumo à realização de seus objetivos declarados. É basicamente por isso que o comunismo é uma merda tão grande.

Além do mais, me parece óbvio que, caso você defenda não a tese de que o fracasso em se atingir o comunismo significa que o comunismo não funciona, mas sim a de que o fracasso em se atingir o comunismo significa que nós simplesmente não nos empenhamos o suficiente para atingir o comunismo - esse pode não ser o melhor contra-argumento possível caso você esteja lidando com um anticomunista que insiste, irracionalmente, em chamá-lo de comunista.

Realmente - a América, pátria e única capital restante do comunismo, é também a nação onde encontramos bilionários de *hedge funds* nos Hamptons. Na verdade, se olhar bem de perto, verá que para cada bilionário libertário, temos outros dez “progressistas” - com cerca de vinte vezes mais grana. Mas a hipocrisia também é tão americana quanto tortas de maçã.

Mas o anticorpo mais sofisticado que ataca o AAEUPC é provavelmente a interpretação *dualista* do comunismo. O dualista acredita que existem dois tipos de esquerdismo no século XX: o progressismo moderado, que é manso e meigo como um cordeiro na primavera, e cuja maior vontade é retificar a “injustiça social”, e o comunismo radical, um desvio criminoso que mancha o nome dos moderados com seu hábito de, sabe, assassinar centenas de milhões de pessoas.

Esse anticorpo é facilmente reconhecido como o bom amigo do lógico, a [falácia do verdadeiro escocês](#). Nenhum verdadeiro escocês massacraria prisioneiros políticos. Caso encontremos escoceses massacrando prisioneiros políticos, é determinado então que eles não são verdadeiros escoceses. A falácia é sutil - ela é falaciosa somente porque a distinção é fabricada como consequência do teste. Por exemplo, caso fosse descoberto que escoceses das Terras Altas cometem massacres, enquanto os das Terras Baixas não, isso não seria caracterizado como a falácia do verdadeiro escocês, porque a distinção entre as Terras Altas e Baixas existia, objetivamente, antes da distinção entre massacres e não-massacres.

Tentar elaborar uma diferença prévia relevante e objetiva entre um americano comunista e um americano progressista dos meados ao final do século XX é um exercício interessante. Podemos, por exemplo, buscar pontos de divisão em um gráfico social. Talvez os progressistas odeiem tanto o comunismo que nunca convidem comunistas a seus festas, quem

sabe? Ou acabam despedindo-os por comentários comunistas no Twitter. Até vemos um grau de divisão entre a esquerda moderada e a esquerda extremista - mas na verdade, é a esquerda extremista que costuma fazer uso da exclusão social contra a esquerda moderada. Mas não com consistência suficiente para um teste válido.

O que é, por exemplo, um “progressista”? Se o esquerdista anticomunista (diferente do anti-Comunista, ou seja, o esquerdista antissoviético, que é um fenômeno bem real) fosse um fenômeno real e visse comunistas como vê nazistas, devido às semelhanças assombrosas em suas violações de direitos humanos, seria natural esperarmos que ele evitasse terminologia política comunista. Pelo mesmo motivo que garante que, por mais estiloso que o símbolo seja, nunca veremos uma suástica em um comercial da Apple.

Entretanto, palavras-código como “progressista”, “justiça social”, “mudança”, etc. foram usadas e reusadas pela comunidade da [Frente Popular](#) por toda a duração do século XX. As chances dessas palavras serem usadas por um líder de torcida da Cheka nos anos 20 ou por um eleitor do Clinton nos anos 90 são as mesmas.

O dualista constrói seu espantelho escocês da seguinte forma: [Jimmy Carter](#) é um intelectual vegetariano; [Dzerzhinsky](#) foi um assassino de sangue frio. Portanto, usar os mesmos termos para falar dos dois seria absurdo, pelo mesmo motivo que seria absurdo imaginarmos Jimmy Carter abatendo *kulaks* e reacionários com uma bala na nuca. Assim, criamos duas classificações diferentes para “progressistas”: o “progressista bonzinho” (cuja voz nos lembra a NPR) e o “progressista perverso” (que fala com um rugido eslavo terrível). Assim, já que “comunista” quer dizer “progressista perverso”, e não praticamos a execução de dissidentes, o que significa que não temos progressistas perversos na América... seria absurdo considerar a América um país comunista.

É verdade. Por outro lado, também seria absurdo imaginar [Rudolf Hess](#) (que tinha uma personalidade um tanto parecida com a de Carter) atirando em qualquer coisa maior que um coelho. Não tenho dúvida de que se os nazistas tivessem vencido a guerra, esse rolo todo com o Holocausto seria considerado meramente uma aberração lamentável (mas compreensível) perpetuada por Himmler e Heydrich. (Hitler nunca

elaborou o esquema em escrito, justamente por esse motivo.) Nenhum *verdadeiro* nazista faria uma coisa dessas.

E de fato, a maioria dos nazistas nunca feriu um judeu sequer. Mas apesar disso, não parece nada ilógico seguir uma interpretação *monista* tanto do nazismo quanto do fascismo, sem subdividir fascistas e nazistas entre “bonzinhos” e “perversos” e exonerar os primeiros pelos crimes dos segundos. De fato, muito nanquim perfeitamente útil é dedicado à elaboração do remorso do eleitor inocente e ingênuo que votou em Hitler. Um eleitor que jamais sequer tinha ouvido falar de Auschwitz, quanto menos apoiado o que houve lá. Mas ele continua culpado mesmo assim, não é?

Ninguém na Gawker está dando tiros na nuca dos outros. Por outro lado, ninguém na Gawker foi apresentado com a opção de dar tiros na nuca dos outros. Portanto, não temos como saber ao certo se eles atirariam ou não, certo? De qualquer forma, a impressão é de que há muito ódio lá fora. Se fosse chutar, eu diria que a maioria não atiraria, mas alguns atirariam. E “alguns” já bastam, não é mesmo?

Enfim - agora que sabemos o que o comunismo americano *não é*, vamos analisar o que ele *é*. Assim poderemos determinar o que ele ganha exterminando as pessoas. E assim entenderemos como evitar a limpa.

*Comunismo* é um termo ambíguo, lógico, e podemos defini-lo como bem entendermos. Um dos métodos mais fáceis que podemos usar para entender por que a América é um país comunista, por exemplo, é definindo o *comunismo* como uma tradição cultural, essencialmente uma religião, que é transmitida nos primórdios da criação do indivíduo, bem como uma língua. Línguas não estão codificadas nos nossos genes, lógico, mas têm uma história evolucionária parecida com a dos traços genéticos. Ingleses estão ligados aos alemães, e a língua inglesa está ligada à alemã.

A diversidade de línguas e dialetos penou no século XX, mas foram as tradições políticas e culturais que levaram a maior surra de todas. Mundialmente e na América, o total de sistemas de crenças é muito mais limitado em 2013 do que em 1913. É o efeito das tecnologias de transmissão. Acontecimentos políticos e inovações militares também contribuíram a esse panorama, é lógico.



Isso significa que se você procurasse por americanos em 1913 que tivessem a mesma visão de mundo básica de um universitário americano típico de 2013, poderia até encontrar alguns. Mas não muitos. A corrente cultural dominante de 2013 não é descendente direta da corrente cultural dominante de 1913, que teve a maioria de suas tradições completamente extinguida da existência. Ela é, na verdade, descendente de uma aristocracia cultural ínfima de 1913, cujos tropos e comportamentos bizarros, escandalosos e excessivos eram encontrados quase exclusivamente em círculos da alta sociedade encontrados somente em lugares como a Harvard e Greenwich Village.

Qual era o nome dado a essas pessoas? Por outros e por eles mesmos? “Comunistas”, geralmente. Se bem que quando queriam confundir gente de fora, eles optavam por “progressistas” - e isso [continua até hoje](#). Mas cutucar esse eufemismo transparente ou quaisquer de seus amigos - “radical”, “ativista” e mil outros parecidos - é considerado *red-baiting*, e é *simplesmente inadmissível*. É um [kayfabe](#) digno de respeito, sinceramente.

Por exemplo, meu exemplo favorito de um aristo-americano de cultura ancestral é [Thomas Wentworth Higginson](#). Higginson é mais conhecido como o homem que descobriu [Emily Dickinson](#), o que pode ter bem sido a única boa ação de sua vida. Mas quando era jovem, ele desbravou novos caminhos no financiamento do terrorismo como membro do [Sexteto Secreto](#). (Se você precisa ser bolinado quando passa pelo aeroporto, isso é porque a América não é seu país. O país é de John Brown. Você só mora nele.) Na década de 1890, ele batalhou duro para promover [uma revolução na Rússia](#). Que belos amigos que a Rússia tinha! E quando velho, Higginson ajudou Jack London e Upton Sinclair a fundarem a [Sociedade Socialista Intercolegial](#); que mais adiante viraria a [Liga pela Democracia Industrial](#), que é um nome animal. Deveria ter sido uma banda, ou uma boate, no mínimo; a Liga deu origem à [SDS](#); que por sua vez, nos rendeu (xiu!) [B.H. Obama](#)...

Claramente, esta é a autêntica tradição americana, intacta e incontestada. Não se contente com substitutos! Aliás, pode pesquisar no Google, ler [os textos de T.W.](#) e constatar que, de modo geral, o conteúdo continua fresquinho como uma margarida e poderia ser lido amanhã mesmo na NPR sem assustar ou sequer surpreender qualquer ouvinte. Resumindo - essa é nossa identidade. Naturalmente, podemos voltar ao



Verdadeiro Escocês ou qualquer outra das nossas falácias de costume e argumentar que existe alguma diferença transcendental que separa os “socialistas” dos “comunistas”. Mas nos daríamos a esse trabalho para quê? Está mais do que óbvio a esta altura que [somos todos comunistas hoje em dia](#).

Mas o que é o comunismo, afinal? Uma tradição, certamente - mas qual é a essência dessa tradição? Por que será que ela funciona? Por que será que ela domina?

Recorrendo à terminologia de [Gaetano Mosca](#), o pai da ciência política moderna, o comunismo é uma *fórmula política* - um modelo de pensamento que ajuda um súdito a apoiar a minoria organizada que o governa. Tipicamente, uma fórmula política moderna permite que o súdito sinta um senso de poder político que o convence de que ele é, em um certo sentido, *parte* da minoria governante, quer esse seja o caso ou não (geralmente, não). Já que seres humanos, e de fato, todos os primatas da linhagem dos chimpanzés, são criaturas políticas que evoluíram para se destacar em tribos de ordenação hierárquica, a sensação de poder é profundamente prazerosa. O comunismo funciona porque ele resolve esse problema de forma mais eficaz que qualquer outra fórmula política distribuída em grande escala na atualidade. (5)

Agora, quando o assunto é o processo formal de governança propriamente dito, pouquíssimos são informados sobre como funciona, lógico. Bem como a pornografia consegue estimular o desejo sexual humano sem sexo real, a democracia consegue estimular o desejo de poder humano sem fornecer qualquer poder real. Mas um dos problemas da democracia americana de hoje é que ela é constante demais. É como uma única página rasgada de uma Playboy e colada na parede da sua cela. Cinquenta anos atrás, ainda era cativante, mesmo quando seu prosencéfalo entendia que aquilo não fazia sentido. Mas com o tempo, até mesmo seu rombencéfalo saca que aquilo não passa de um papel com tinta impressa. O que também não ajuda é que seu prosencéfalo sabe que a mulher real naquela foto, por mais real e verdadeiramente mulher que seja, já tem idade a essa altura para receber aposentadoria.

A caça às bruxas em caráter puramente informal, as “consequências sociais” do nosso Popehat, satisfazem perfeitamente esse desejo político, pois naturalmente, o que temos aqui é *poder real* - o poder de ferir

outros seres humanos - sendo empregado por pessoas comuns, que não são burocratas arcanos de Washington. Nunca, jamais subestime a diversão de simplesmente virar primata por um momento. Quem ridiculariza essa atividade nunca deve ter sido parte de uma multidão. Pode condená-la como uma paixão vulgar e desprezível, pois é claro que é - e é também uma paixão humana. Somos todos Calibã, realmente.

Mas temos uma natureza angélica também, e nossos prosencéfalos angélicos precisam ser ocupados com uma justificativa qualquer enquanto o rombencéfalo primata sai mordendo dedões e testículos. O puro sadismo basta para o id. Não basta para o ego. É por isso que precisamos do comunismo.

Mas o que é o comunismo? Como uma fórmula política? Talvez seja possível defini-lo, incorporando o belo jargão arrojado das ciências sociais do século XX, como *altruísmo não-empático*. Ou, com um toque pejorativo mais cortante, *altruísmo insensível*.

O que é *altruísmo insensível*? *Altruísmo* em si já é um jargão do século XX. Podemos compará-lo com a palavra original que tinha o mesmo significado, mas que é obviamente cristã demais para ganhar espaço nos tempos de hoje: *caridade*. Mas quando dizemos *caridade*, é lógico que o que temos em mente é o *altruísmo empático*.

Quando pensamos em *caridade*, pensamos não só em ajudar os outros - mas sim em ajudar, mais especificamente, aqueles que conhecemos e amamos, com quem temos um elo emocional genuíno, não falsificado. Aqueles por quem sentimos, em uma palavra, empatia. Naturalmente, essas costumam ser as pessoas com quem temos forte proximidade social. Quando não são pessoas que já conhecemos, são pessoas com quem facilmente faríamos amizade caso nos conhecêssemos.

[Dickens](#), que era muito chegado à empatia genuína, tinha um nome para o *altruísmo não-empático*. É o que ele chamava de *filantropia telescópica*. Quem é [Peter Singer](#)? Ninguém menos que a [sra. Jellyby](#), com estabilidade vitalícia.

Então, por exemplo, no comunismo bolchevique clássico, a revolução luta em nome de quem? Dos trabalhadores e camponeses. Mas... no comunismo bolchevique clássico... quem organiza a revolução? Nobres

(Lênin) e judeus (Trotsky), basicamente. Ou seja, os grupos na sociedade russa que encontram-se mais distantes - emocionalmente, culturalmente, socialmente - dos trabalhadores e camponeses reais.

Da mesma forma, os antirracistas mais fervorosos da América podem todos serem encontrados, no começo de setembro, no [Burning Man](#). Todo mundo que comparece ao Burning Man, praticamente sem exceção, é extremamente altruísta com afro-americanos. Porém, com margem de erro de um [epsilon](#), não encontramos nenhum afro-americano no Burning Man.

Mas calma aí - e por que isso é tão ruim? O que há de tão errado no altruísmo não-empático? Que diferença faz para as pessoas sendo ajudadas se o lobo que controla o amor no cérebro de seus benfeitores literalmente se ilumina, ou não? Amados ou não, estão sendo ajudados - não é mesmo?

Ou será que estão mesmo? Qual foi o resultado daquele lance soviético todo para os trabalhadores e camponeses?

Porra, pelos últimos 50 anos de história, um dos objetivos principais da vida política americana tem sido o desenvolvimento da comunidade afro-americana. E nessas cinco décadas, o que foi que aconteceu com a comunidade afro-americana? Posso afirmar uma coisa com certeza - em qualquer grande cidade que escolha na América, há um gueto selvagem incinerado que era, 50 anos atrás, um bairro comercial negro próspero. Por outro lado, há uma rua nesse gueto nomeada em homenagem ao [dr. King](#). Ao menos isso. E já que mencionamos a sra. Jellyby, como que um século inteiro de filantropia telescópica tem beneficiado a África?

Será que a Gawker e sua laia têm mesmo interesse real em atrair [mulheres ao ramo tecnológico](#)? Será que gostam de verdade de (a) (outras) mulheres, ou (b) tecnologia? Porque para um espectador leigo, confesso que deve parecer que o efeito *real* de suas atitudes *reais* acaba sendo que eles *apavoram mulheres* e desestimulam elas de virarem programadoras - no com base na lógica de que se elas sequer aprenderem a usar MySQL, serão estupradas no mesmo instante por um bando de “brogrammers” satanistas.

Sabe como é o tipo de mulher que quer sinceramente ajudar outras

mulheres a aprenderem programação? Ela é [assim](#). Sexista, confere. Provavelmente ilegal, confere. Reconhece que mulheres são diferentes dos homens em mais sentidos do que no volume de busto, confere. (Ativistas pelos “direitos dos homens”, [vão à merda!](#) Se fossem homens de verdade, e não covardes comunistas, entenderiam que ninguém tem direitos, e vocês muito menos! Só uma coisa dá a razão - essa coisa é, lógico, o poder - e choramingar que você está tomando no rabo, por mais que esteja, de fato, tomando no rabo, não é jeito algum de se conseguir *isso*.)

(Quando eu era aluno de pós-graduação lá, a UC Berkeley tinha um programa excelente, muito parecido, que também era (na prática) só para mulheres, chamado “Programa de Reentrada a CS”. Não tinha qualquer respeito por esse programa e nem pelas pessoas inscritas nele na época, mas a realidade logo me convenceu a mudar de ideia. O programa acabou sendo descartado, por um motivo específico - o comunismo precisa fingir seguir a neutralidade de gênero. Assim sendo, ele não pode ajudar as mulheres simplesmente, sabe, oferecendo ajuda às mulheres. Isso envolveria apreciar as mulheres pelo que elas são. Coisa que é obviamente ilegal em um país comunista. Da mesma forma, certa vez quando eu estava decifrando um livro da era vitoriana, eu disse à minha filha que “nos velhos tempos”, muitas meninas frequentavam escolas onde não haviam meninos. Ela me olhou como se eu tivesse dito que nos velhos tempos, o mundo todo era feito de chocolate.)

Homens podem ser escrotos com as mulheres? Mulheres podem ser escrotas com os homens? Olha, na verdade, geralmente os homens são escrotos e as mulheres são vadias - não sem exceções, claro. Mas de modo geral, todos podem ser escrotos com qualquer pessoa? Podem. E são. E caso você esteja sinceramente ensinando um jovem, com legítima empatia e legítimo interesse em seu legítimo sucesso, o que você diz em cada caso desses é: a vida é cheia de escrotos. Quando alguém é escroto (ou uma vadia) com você, ignore-o e tenha o mínimo possível de contato com ele.

Quando se aprende a detectar a diferença entre o altruísmo empático e o não-empático, vemos ela em todos os cantos. O altruísmo empático - caridade - é simplesmente bom. O altruísmo não-empático é simplesmente mau. Não há muito meio-termo entre o bem e o mal. Motivações más podem certamente, por pura coincidência, produzir bons

resultados - mas isso é um acidente, que tem pouquíssimo ou nada a ver com supostas “boas intenções”.

Veja nossa saudosa “Primavera Árabe”, uma verdadeira “[surpresa de primavera](#)” que vai chegando cada vez mais perto da marca de ter matado um milhão de pessoas. Mas como Stalin disse, lógico, um milhão de pessoas é só uma estatística. Pessoas precisam de uma imagem. Minha preferência costuma ser piscinas olímpicas cheias de sangue.

E o que causou essa Primavera Árabe? Ela aconteceu porque nosso querido Departamento de Estado incitou revoluções por todo o mundo árabe. Por que o sr. Estado fez isso? Fizeram isso com o apoio ardoroso e total do povo americano - todo o povo americano, da esquerda à direita. Pelo que me lembro, o UR e David Goldman foram os únicos comentaristas a condenarem esse crime colossal, cujos resultados foram exatamente os que previmos.

O que deu na cabeça do povo americano? Eles entraram em um estado de puro altruísmo insensível. Eles pensaram “vamos *ajudar* nossos irmãozinhos árabes marrons, oferecendo nosso apoio à sua revolução democrática esclarecida”. A própria sra. Jellyby não teria dito melhor.

Quando sua motivação é caridade genuína e seus esforços caridosos saem pela culatra e acabam prejudicando aquele que você tentava ajudar, você sente um remorso e tristeza sem igual. Você presencia um acidente de bicicleta medonho. Você corre até o homem estirado no chão, tira o capacete dele, dá um abraço e começa o processo de reanimação cardiorrespiratória. Infelizmente, ele teria sobrevivido, mas por acaso, você cortou a medula espinhal dele? O que sente nessa hora? Sua reação é, por acaso “pena, mas pelo menos eu tentei”?

Qual foi a reação do povo americano quando o experimento árabe dele deu ruim? Sei exatamente como ele reagiu? “Pena, mas pelo menos nós tentamos.” E aí trocaram de canal. Esse é justamente o problema do altruísmo insensível.

Naturalmente, eu cometerei o mesmo crime caso insista demais no clichê de que “as mulheres e as minorias foram as maiores vítimas”. Sabe qual é o problema real do altruísmo insensível? O problema é que ele é uma porra de uma *mentira*. Ele rouba a boa reputação da caridade e faz com

que [randróides](#) condenem a caridade e o comunismo na mesma frase. E tudo pela estupidez que é o poder político, que eles então não usam para nada. Eu sou adulto e não preciso de fórmulas políticas. Decrete que eu preciso respeitar o Partido e eu respeitarei o Partido.

Vou lhe contar qual foi a *verdadeira* emoção que atiçou a Primavera Árabe. Aliás, o [Beavis](#) explica melhor. “Fogo é irado,” disse Beavis. De fato, fogo é irado. Os americanos estavam entediados e precisavam dar uma animada na CNN. Queriam ver a porra pegar fogo. A porra, de fato, pegou fogo, e continua pegando fogo. E isso foi irado. Assim, eles conseguiram o que queriam. Não tão diferente das multidões que lotavam o [Coliseu](#), mas com menos honestidade sobre como eles escolhem satisfazer suas necessidades simplicíssimas de primatas/humanos.

E o sadismo não é a única coisa que motiva o altruísmo insensível. Uma outra fonte de satisfação venal é o fato de que quando ajudamos as pessoas, ou parece que ajudamos, nos tornamos patronos. Garantimos *posse* deles. Quando você ajuda a derrubar o ditador do Egito, por exemplo, você se torna, de certa forma, o novo governo do Egito. O ditador anterior era um homem-forte - o novo ditador é um *homem-fraco*, porque ele deve seu posto a outro. Esse outro é você - o você coletivo, mas você, mesmo assim. Caso você decida que não gosta de seu homem-fraco, encontrar outro é muito fácil.

O medo de que alguém, em algum lugar, está exercendo poder sobre outro é um dos sinais mais básicos da mentalidade altruísta insensível. Deixe-me matar o mestre e libertar o escravo. Por altruísmo! Não por sadismo ou ambição, lógico. Minhas mãos estão puras.

Mas escravidão é simplesmente dependência, e o estado padrão do escravo recém-“libertado” é o de depender de seu novo mestre - você, pois você matou o antigo mestre. Assim, sua sede de sadismo é saciada, já que conseguiu matar; e sua ambição é saciada, já que conseguiu virar um senhor de escravos.

(Um senhor de escravos? Você pode até não dizer a seu dependente o que ele deve fazer ao longo do dia. Mas caso pague ele para não fazer nada, isso fará dele seu escravo, mesmo assim - pode não pedir que ele trabalhe hoje, mas amanhã é outro dia. Ele precisaria seguir seus comandos para não morrer de fome. Em outras palavras, ele é um

escravo. E lógico, tem uma coisa que você certamente comprou com isso - o voto dele.)

Quando Higginson e seus amigos tentaram esse experimento na década de 1860, cerca de [um quarto dos escravos](#) morreu por consequência da operação. Sem nem falar em todos os outros que morreram. Naturalmente, já que a América é um país comunista, esse episódio - que em outros regimes poderia muito bem ser considerado um surto de insanidade coletiva - é considerado um dos mais gloriosos em toda nossa gloriosa história.

E é por isso que você não quer ser parte de multidões com sede de sangue. Por mais que ache que temos poucas mulheres programadoras, e que deveríamos ter mais. Quem anseia pelo poder não é seu prosencéfalo. É seu rombencéfalo. [Prosencéfalo... precisa... controlar... rombencéfalo.](#)

Quanto às vítimas das multidões, que já entendeu tudo isso - existe um jeito bem fácil de se evitar a eliminação. Não faça papel de palhaço. A força que o ataca, por mais que pareça ser um fenômeno frívolo, passa muito longe disso. Trata-se de um vulcão ativo que já consumiu centenas de milhões de vidas. Simplesmente causar sua demissão é uma rele trivialidade para ele. Simplesmente destruir sua vida - fichinha. Não brinque com ele. Se tiver como evitar essa briga, evite.

E caso a briga seja inevitável, não fique na retranca. Ataque. Se puder, tome a iniciativa e ataque de forma exaustiva. (Acha que isto aqui é o quê, afinal?) Uma das coisas que essa máquina maléfica consegue fazer, por exemplo, é encobrir fatos-sujos - [realidades](#) que a envergonham ou contrariam sua narrativa. Ao atacar, seu objetivo é envergonhá-la e contrariar sua narrativa, criando uma contra-narrativa que ela não consegue assimilar em seu produto de entretenimento. Caso tenha êxito,  *você também será varrido para debaixo do tapete* - o que é exatamente o que você quer. Ou seja, o objetivo de seu ataque não é chamar atenção, mas sim evitar chamar atenção.

E por último, tenho um recado final para a própria Gawker:

[Finalmente, depois de tudo, sua vadia, falta-lhe um pingço sequer de decência?](#)



1. Popehat é um [blog de grupo](#), mas neste contexto, “Popehat” refere-se ao autor principal do blog, [o advogado Ken White](#).
2. No final das contas, [a destruição da Gawker](#) dependeu de [uma sex tape do Hulk Hogan](#) e da [determinação de Peter Thiel](#). Mas acabou que a Gawker pagou por sua inconseqüência, não por seu comunismo.
3. Não é minha intenção desqualificar catedrais concretas com o termo “Catedral”; o argumento retórico central é o de que membros da Catedral são, apesar de seu secularismo expresso e igualitarismo fajuto, efetivamente uma classe teocrática de sacerdotes.
4. Ou, em termos mais gerais, supostos “grupos marginalizados”. Veja a observação abaixo sobre o [leninismo biológico](#).
5. Em uma [série de ensaios](#) sobre o “[leninismo biológico](#)”, “[Spandrell](#)” oferece uma análise complementar da fórmula política comunista que combina muito bem com a constatação de Moldbug de que “a América é um país comunista. Para seus trabalhadores e camponeses. Em outras palavras: negros e hispânicos.”

Concisamente, Spandrell argumenta que o [leninismo](#) funciona porque o Partido confere status elevado a grupos que teriam status baixo se não fosse por isso, garantindo assim sua lealdade.

No leninismo clássico, tais grupos incluem os “trabalhadores e camponeses” proverbiais, assim como judeus e outras minorias étnicas não-russas. No [leninismo biológico](#), ou *bioleninismo*, são “grupos marginalizados” como mulheres, negros, hispânicos mestiços, árabes e muçulmanos “asiáticos”, gays e pessoas transgênero, onde o status de cada grupo é determinado em grande parte por suas características biológicas.